

Etnografia na Rua da Praia: Estudo antropológico sobre cotidiano, memória e formas de sociabilidade na Rua da Praia/RS<sup>1</sup>

Thais Cunegatto

Mestranda Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Resumo:**

Este trabalho tem como objetivo investigar o cotidiano, estilos de vida e as distintas apropriações dos habitues locais; trabalhadores e moradores de um espaço urbano de Porto Alegre, conhecido como Rua da Praia. Situada no centro de Porto Alegre e caracterizada como área de “Calçadão” esta rua é consagrada como um espaço de intenso comércio e trocas sociais; marcada no início do séc. XX por seu glamour e pela presença de personagens notáveis altera sua roupagem. Nos dias de hoje, atores sociais oriundos da chamada “classe popular” vivenciam as praças e comercializam seus produtos. Esta chamada “desvalorização” do centro urbano porto alegreense acena para um conflito cujas distintas “artes de fazer” coabitam em um mesmo cenário. Neste sentido, esta pesquisa debruça-se sobre o estudo das memórias narradas, as imagens lembradas e produzidas e as sociabilidades vivenciadas de tais personagens, bem como sobre suas relações sociais, suas lutas, conflitos e tensões, emergentes nos distintos usos deste espaço urbano. Como pressuposto metodológico a pesquisa intenta a união de dois métodos propostos por Cornelia Eckert e Ana Luiza carvalho da Rocha: a etnografia de rua, numa busca de conhecer e reconhecer este espaço e seus atores sociais através do deslocamento de suas reflexões; e a etnografia da duração, buscando percorrer nas narrativas de curta e longa duração que emergem neste espaço urbano.

**Palavras Chave:** cotidiano, sociabilidade e memória

O presente trabalho se desenvolve no centro urbano porto-alegrense, centrando-se na antiga Rua da Praia, ou atual Rua dos Andradas, que se caracterizou ao longo do tempo como um território de enraizamento de trocas sociais marcadas pela heterogeneidade social e cultural dos indivíduos e/ou grupos que por ela são atraídos. Consiste em um espaço singular marcado por intensas trocas sociais acumuladas ao longo da passagem do tempo. De acordo com a historiadora Maria Luiza Martini (1997), a Rua da Praia foi o primeiro espaço público e popular de Porto Alegre, quando esta ainda se constituía enquanto uma sesmaria pertencente a Jerônimo D’ Ornelas. Próxima ao Porto de Dorneles, posterior Porto

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

dos Casais, a Rua da Praia era a via pública na qual os açorianos vindos de Santa Catarina, por ordem real, instalaram-se em 1752. Constituindo-se assim não apenas a primeira, mas também a mais importante via na qual a posterior cidade de Porto Alegre se expandiu.

A Rua da Praia está situada hoje no centro urbano da capital do estado do Rio Grande do Sul e mantém sua característica de uma “via pública”, não escapando assim, de ter algumas características próprias de qualquer território central de uma metrópole brasileira, tais como a efervescência urbana, fluxo contínuo de pessoas e comércio intenso tanto formal quanto informal.

A zona central de Porto Alegre é marcada pela mescla do novo e o antigo em suas edificações. Tem-se por um lado casarios antigos, de valores históricos imensuráveis que são tomados como patrimônio da cidade e, submetidos ao zelo, com uma imensa intenção de preservação monumental por parte do poder público. Por outro, grupos urbanos que dialogam diariamente através de suas práticas cotidianas com este espaço urbano configurando e reconfigurando suas feições. É assim, neste diálogo entre o espaço edificado e o espaço vivido que se desenham alguns conflitos urbanos, tais como os projetos de “revitalização” dos centros urbanos que perpassam o cenário brasileiro e a relação destes com os que usufruem destes espaços.

Como um espaço popular, uma rua ou mesmo uma via pública que assume uma importância singular na construção e consolidação da história da cidade de Porto Alegre, a Rua da Praia abriga diversas discursividades sobre ela. Estas distintas narrativas são oriundas dos diversos atores sociais, quais sejam: moradores antigos, novos, habitues, habitantes, estes, que constroem um universo polifônico que busco sobrepor numa espécie de mosaico interpretativo, pois a intenção desta etnografia é ordenar no tempo estas distintas memórias, na busca de uma trama entre o presente e o passado, o vivido e o lembrado.

A presente pesquisa, portanto, se coloca dentro de um tema amplamente abordado por Roberto da Matta (1985), que é a relação entre a casa e a rua. Neste sentido, pensar as práticas cotidianas, as sociabilidades pulsantes da cidade de Porto Alegre a partir da Rua da Praia faz ecoar as múltiplas vozes que narram este espaço que pode ser visto ora como morada, ora como passagem, ora como casa, ora como rua. A casa e a rua, de acordo com

o autor, estão numa relação complementar de oposição, pois “a rua tem seus espaços de moradia e /ou de ocupação, e a casa também tem seus espaços arruados” (1985:48). É, assim, neste interstício que pretendo centrar a pesquisa com moradores que possibilitam a “sala de visitas” de suas casas para uma entrevista e também com habitues e transeuntes que pairam sob a rua numa conversa efêmera ou mesmo nas praças abrigadas nesta rua .A pesquisa centra-se, portanto, nestas distintas esferas de significação que Da Matta denomina “subespaços” que abrigam distintas temporalidades.

Em meio a estas distintas esferas de significação, Gilberto Velho (1996) nos aponta a importância do estudo das metamorfoses no âmbito das sociedades modernas contemporâneas.

A diversidade de contextos, a amplitude de uma série de questões como a da metrópole, a multiplicidade e descontinuidade entre domínios e províncias de significado, levaram à formulação da noção de metamorfose, que procura dar conta da singularidade dessas experiências. O repertório simbólico e o campo de relações sociais, simultaneamente, possibilitam e estimulam mudanças drásticas no desempenho dos referidos papéis. Ou seja, as mudanças de contexto e de domínio produzem situações em que o indivíduo altera de modo bastante significativo não só suas atividades no mundo prático, como sua própria auto-representação”. (Velho e Kushnir,1996:97)

Ainda assim, uma pesquisa exploratória me permite afirmar que a Rua da Praia é marcada por grupos heterogêneos que se unificam no termo “camada popular” ou mesmo “classe baixa”, sendo esta composta por pessoas sem grande poder aquisitivo, trabalhadores do terceiro setor, aposentados, engraxates, vendedores de cafezinho, prostitutas. São estes personagens que constituem esta rua sejam enquanto trabalhadores ou freqüentadores assíduos conformando-se como habitues deste espaço público que se sociabilizam, que constroem suas identidades enquanto personagens pertencentes ao “Centro”.

Dentre os diversos discursos que emergem deste cenário urbanos, analisarei como mais um ator deste espaço público a ação do estado que se formaliza na incorporação de um projeto de revitalização conhecido como “Projeto Monumenta”<sup>2</sup> cujas ações vem sendo

---

<sup>2</sup>De acordo com o site do ministério da cultura o Monumenta se caracteriza como “ Um programa de recuperação sustentável do patrimônio histórico urbano brasileiro tombado pelo IPHAN e sob tutela federal. Tem como objetivo principal atacar as causas da degradação do patrimônio histórico, geralmente localizado

realizadas no centro de Porto Alegre bem como em outros centros das capitais brasileiras. Neste sentido, este programa de recuperação patrimonial prevê um processo de reeducação e remodelamento dos personagens que desfrutaram o espaço a ser restaurado, ou seja, não apenas o espaço como as práticas sociais e cotidianas devem ser “restauradas”.

Outrossim, trago as tensões urbanas que emergem destas relações entre personagens urbanos entre si e estes em relação à ação do Estado, entre a “casa, a rua e outro lugar”, como nos aponta Da Matta ( 1985) , para tentar elucidar a forma que atores sociais distintos, com estilos de vida e ethos diferenciados disputam e vivenciam o mesmo espaço urbano, neste caso a Rua da Praia e seus vários fragmentos.

Embebida nos estudos da memória busco pensar a cidade “objeto temporal” ( Eckert e Rocha: 2001), buscando através das escutas das narrativas emergentes dos personagens urbanos e da reconstrução de seus itinerários urbanos desvendar as camadas temporais da Rua da Praia e da cidade de Porto Alegre .

“Tomar a cidade como objeto temporal significa, contemplar-se o acontecimento urbano a partir seja da imagem mnésica que este sugere aos atores sociais, seja do fundo comum de sentido ao qual pertence. Espelhando referenciais culturais de um passado coletivo, a vida urbana recompõe-se num tempo coletivo. Trata-se de reconhecê-la através das narrativas e dos itinerários de indivíduos e grupos.” ( Eckert e Rocha, 2005:88)

A Rua da Praia se constituía na voz de cronistas e moradores antigos de Porto Alegre enquanto um espaço de glamour, uma rua majestosa que abrigava personagens ilustres provindos de camadas sociais mais favorecidas economicamente que desfilavam por suas calçadas, por exemplo, praticando o footing.

O centro de Porto Alegre, mais especificadamente a Rua da Praia era o espaço dos intelectuais e da alta sociedade, um lugar destinado às belas moças que passeavam com seus chapéus e flertavam com os honrosos moços da sociedade. Este cenário de outrora se modifica drasticamente nos dias atuais. A chamada “degradação do Centro” vem sendo motivo de discussão por parte de várias instituições e órgãos públicos. Os atores sociais se

---

em áreas com baixo nível de atividade econômica e de reduzida participação da sociedade, elevando a qualidade de vida das comunidades envolvidas.”

alteraram. Ao invés de um grupo urbano marcado por seu poder de capital econômico, nos termos de Bordieu, encontra-se hoje a denominada “classe popular”, ou seja, atores sociais desprovidos deste capital econômico.

A Rua da Praia hoje não é mais composta por cafés glamourosos, confeitarias elegantes, lojas da alta sociedade, que exibiam em suas vitrines as últimas tendências da moda. Suas calçadas foram tomadas por tapetes de plásticos que tapam as ondulações de em preto e branco desenhadas no chão, em cima deles, artigos como dvds, roupas, sapatos, bonecas, acessórios, guarda-chuva. Um grande centro de compras da dita classe popular é disponibilizados a baixos preços por vendedores ambulantes tidos como ilegais e /ou camelôs. O lugar ainda marcado pela efervescência se transfigura. No lugar de vestidos longos, salto alto, chapéu, calçado engraxado e sombrinhas protetoras do Sol de outrora encontramos chinelos, bermudas, e camisetas espalhados na “vitrine popular” que é o chão.

Este centro urbano porto alegreense é um universo polifônico cujas distintas vozes dialogam, disputam e comungam. Caminhar na Rua da Praia buscando o exercício da prática etnográfica, numa espécie de “aventura antropológica” de deixar-se surpreender pelos fenômenos urbanos rememorando as narrativas que dele emergem faz ecoar sons e imagens de hoje e de outrora.

Segundo Patrícia Rodolpho (2001) em seu ensaio sobre a Rua da Praia esta “desvalorização” da área central de Porto Alegre gera para os habitantes de classe média e alta um imenso desconforto criando repulsa destes em relação a esta zona dantes exaltada pela sua magnitude e efervescência cultural. Esta transformação de atores sociais no palco deste cenário urbano gera tensões e conflitos que são negociados no viver a cidade.

Neste sentido encontramos a fala de uma moradora do Bairro Menino Deus que me narra em uma caminhada histórica –cultural provida pelo Programa Viva o Centro a Pé<sup>3</sup> seu

---

<sup>3</sup> O Programa Viva o Centro considera que é preciso, tanto valorizar o Centro Histórico, considerando seu status diferenciado com relação às demais regiões da cidade, como reforçar e qualificar a atratividade que sempre existiu. As Caminhadas são orientadas por professores universitários, estudiosos em história, arquitetura e artes que narram a história de edificações e espaços públicos do Centro da cidade. Já contabiliza mais de mil participantes.

Extraído do site [http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p\\_secao=133](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/vivaocentro/default.php?p_secao=133) as 09:48 do dia 28/04/2008

ponto de vista a cerca do Centro. Suas impressões se dão em dois sentidos: uma destaca a beleza patrimonial do centro da cidade, neste aspecto surgiu a interjeição “ Nossa, como é bom ser turista da própria cidade!!! Não conhecia esta beleza, vivo em casa durmo até meio dia, nunca saio” . Noutro sentido, não antagônico ela narra seu desprezo a cerca deste espaço quando uma senhora começa a conversar conosco e se apresenta como moradora do Centro. A reação da moradora do Menino Deus é de repulsa: “Nossa, mas não é horrível morar aqui?! O Centro é a escória, nele estão os camêlos que são ex presidiários, eles sugam as nossas energias , se tu deixar eles te passam a perna” me afirma ela. Quando pergunto o porque de seu passeio no tão desprezado centro de Porto Alegre , ela re-afirma: “Para passeio, como turista , oras...”

Concebendo a cidade de Porto Alegre como uma metrópole e a Rua da Praia como a “artéria principal “desta metrópole, podemos perceber a importância do comércio que para uns é motivo de desgosto e para outros de orgulho. O ressaltado aqui é que este comércio faz pulsar esta rua, seja o formal ou o informal e as distintas relações que são geradas na e a partir da troca monetária, relações estas por vezes efêmeras , por vezes duradouras. Sendo a rua o espaço do comércio é também o espaço da sociabilidade .

Conforme George Simmel (1967) a metrópole é a sede de uma multiplicidade de papéis sociais que são colocados em interação através de uma lógica da modernidade que é pautada na individualidade. Neste sentido, o autor descreve os espaços urbanos como espaços onde as relações se dão a partir do comércio, da circulação de moeda, pautada numa lógica monetária e na divisão social do trabalho onde o indivíduo é multifacetário e possui a liberdade de vivenciar os diferentes aspectos de sua identidade, acionando seus distintos papéis sociais.

Pensando o espaço urbano não apenas através de uma lógica do comércio (transeuntes, vendedores, compradores), mas também como um espaço de moradia trago para esta discussão teórica, Roberto Da Matta que ao lidar com os conceitos de casa e rua amplia a reflexão nos enfatizando que não estamos lidando apenas com dois espaços, mas também com duas temporalidades que abrigam lógicas distintas mas complementares. O tempo da casa , para o autor, é um tempo cíclico que se reproduz todas as vezes que alguém deixa a

casa ou entra em casa. O tempo da rua “é um tempo linear: duração cumulativa e histórica. Uma temporalidade impessoal que não dá nenhum direito a saudade ou a reversibilidade plena” (Da Matta, 1985: 51). Pensando nesta lógica complementar exposta pelo autor, se coloca a questão e quando a rua é a casa? E se concebermos que para alguns destes transeuntes e habitues o espaço da Rua da Praia se constituiu como um espaço de construção de identidade e de laços sociais, cujas narrativas da rua constroem a narrativa de si e a falar de si é também narrar a Rua da Praia.

As relações de reciprocidade estabelecidas entre os habitues da Praça da Alfândega (praça situada na parte central da Rua da Praia) pode apontar para algumas destas reflexões cujas identidades se constroem neste interstício entre a rua e casa : o espaço da praça. Caracterizada por uma praça que tem ao seu entorno museus: O Museu de Arte do Rio Grande do Sul e o Santander Cultural e no seu interior um espaço bem arborizado que abriga distintos grupos urbanos que se sociabilizam neste espaço. Conversando com Cândido um destes habitues da Praça da Alfândega e, portanto também da Rua da Praia ele me descreve estes diversos grupos: “Aqui tem de tudo: tem os caras ali que jogam dama, fazem até campeonato, estão sempre aqui; tem os aposentados que ficam perto dos engraxates, tem as prostitutas, tem os feirantes da feirinha ali atrás e tem nós. Aqui todo mundo se conhece e sabe da vida de todo mundo, se tu continuar vindo aqui , vai saber também, dá até pra escrever um livro” .

O “ nós” a quem Cândido se refere é o grupo com o qual venho me relacionando. Entrei nesta rede através de Frida que me apresentou a Vera, a Alemoa , e o Cândido , conhecido como professor, todos estes se encontram todas as tardes na Praça da Alfândega para conversar, comer um bolo, chorar , sorrir.

Frida é uma senhora de 80 anos de idade, nascida em Dois Irmãos que trabalhou na lavoura por muitos anos e depois da morte de seu marido migrou para Porto Alegre com seu filho e trabalhou como empregada doméstica em Porto Alegre por muitos anos. Quando pergunto a Frida sobre a importância da rua e da praça, se eram os amigos ou que o seria ela me responde:

“Não, amigos eu tenho sim, venho aqui há 30 anos, fiz vários amigos, uns já morreram, outros se mudaram, tenho umas amigas aqui , mas venho aqui e me sento todos os dias na frente deste prédio para me lembrar de meu filho, que trabalhava ali ó, naquele

andar, venho matar a saudade, parece que a qualquer momento ele vai sair dali” ( apontando para uma placa do prédio verde, na frente do banco em que estamos sentadas).

Frida mora num quarto de hotel na Avenida Farrapos, zona marcada pela existência de prostíbulos. Com uma aposentadoria de um salário mínimo e com ajuda de seus amigos da Praça ela se sustenta. Seu filho mora em Dois Irmãos e segundo ela por causa da nora, que “não gosta de velhos” ela pouco o vê. Sobre este assunto, Cândido me conta em segredo que a maioria dos velhos que ali estão e fazem parte deste grupo ( que ainda não conheço por completo) são velhos solitários e carentes que vão ali para o tempo passar e ter com quem conversar, porque “estão abandonados e não tem ninguém”. O “professor” como Cândido é conhecido, me relata outros três casos de senhores que sempre estavam ali e que se encontravam na mesma situação de Frida, um deles até mesmo já havia morrido. Este senhor que não conheci se chamava Jarbas , sobre ele Frida me conta ; “ Ele teve um morte feliz, morreu aqui no banco da Praça.”

Através da etnografia da duração, que “ vislumbra o tratamento da memória como conhecimento de si e do mundo, a partir do trabalho de recordar narradas pelos sujeitos” (Eckert e Rocha, 2001:88) que pretendo desvendar na escrita etnográfica estas negociações de espaços e como estes são concebidos e ocupados por seus atores sociais diversos.

Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert,(2005) no texto o Antropólogo na figura do narrador trazem a discussão entre tradução/ traição nos acenando para os conflitos e tensões da escrita etnográfica, mostrando que esta tensão não é apenas de uma ordem da língua a ser dominada ou exercida, mas sim uma questão que se resolve no próprio trabalho de campo. O tal “escrever aqui” de Clifford Geertz é uma questão ética/ estética a ser resolvida no lá do trabalho de campo.

Neste sentido, encontra-se o caráter político do ato de narrar, pois como diria Rancière (2005) a escrita e a leitura são práticas exclusivas que pretendem um comum partilhado. Este comum compartilhado se constitui como a matéria prima do trabalho de campo, como um pressuposto do processo etnográfico, os suportes nos quais serão narrados esta experiência devem imprimir este processo de alteridade. Segundo De Certau a escrita é um retorno de si para si que busca trazer o lá, a oralidade para seus domínios.



Pensando a questão de narrar a cidade vivida pelo próprio antropólogo, não se pode ignorar o fato de que este “observar o familiar” deve estar imbuído de um ato político de narrar tensões de classe, estilos de vida e apropriações de espaço, como o da Rua da Praia, que atuam em lógicas diferenciadas.

O cenário urbano, nos estudos das Sociedades Complexas conforme Ruben Oliven (1980) apresenta uma aparente homogeneização das classes sociais nos centros urbanos devido a intensificação capitalista industrial, porém ressalta os perigos desta análise que não leva em conta que este processo de acumulação de capital diferencia os habitantes das sociedades brasileiras de forma desigual e assimétrica e que as classes baixas podem oferecer resistência à difusão destas “orientações culturais padronizadas”. Neste sentido, ressalta o autor que diferentes grupos sociais tem práticas e orientações diferenciadas no que tange “aspectos que têm conseqüências e significados diversos de acordo com a posição social tais como questões políticas”(1980:35)

Os centros urbanos, segundo Arantes em sua análise sobre a cidade de São Paulo, tem uma grande tendência para o “crescimento do número dos pontos de pernoite e da população que dorme nas ruas do centro”(2000:144) Para o autor este quadro deve-se a elevada pauperização das classes populares que desencadeia “paisagens onde a vernácula pobreza e a diferença cultural- em suas várias feições- interpelam e situam socialmente as fachadas de cristal globalizadas, que por seu turno as refletem , politizando o espaço urbano ( 2000:145)

Esta migração das classes populares para os centros urbanos faz emergir a tensão colocada no espaço urbano: Rua da Praia. De um lado uma discussão patrimonial que busca salvaguardar os monumentos, as praças, os prédios históricos através de um processo de uma “reeducação patrimonial de utilização do espaço público”, como prevê o projeto Monumenta que vem sendo implementado no centro de Porto Alegre. De outro o cotidiano destes habitues que vivenciam este espaço urbano, se apropriam destes “pontos de amarração” da memória (Arantes, 2000) da cidade através de suas práticas cotidianas e sociabilidades que se confrontam a lógica de preservação patrimonial.

Recorrendo ainda à Antônio Arantes percebo que este conflito está imerso numa complexidade de sentidos e representações entre o que tange a ordem do vivido e o do oficial “não podendo analisá-lo de uma forma unilateral que pressupõe a simples

acomodação da classe popular a este sistema de regras e de conduta previsto pelos órgãos oficiais para a utilização do espaço público, pois” as representações que fazem do centro aqueles que habitam suas praças e ruas não são diferentes aos marcos e monumentos da paisagem oficial. Ao contrário, elas articulam experiências sociais a um espaço, dando-lhes um contexto e significações populares “(2000:122)”.

Seguindo os passos de Michel De Certeau vemos a existência de uma dinâmica do social articulada por seus atores no viver cotidianamente esta cidade que é palco e ao mesmo tempo objeto destas tensões. Sendo assim, estes atores sociais entendidos enquanto, classe popular, buscam estratégias e criam astúcias que são negociadas em seus espaços urbanos na vida cotidiana como formas de resistência a esta lógica dominante e oficial.

“Se é verdade que por toda parte se estende e se precisa de uma rede de vigilância, mais importante é descobrir como uma sociedade inteira não se reduz a ela, que procedimentos populares (minúsculos e do cotidiano) jogam com os mecanismos de disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; que maneiras de fazer formam a contrapartida, do lado dos dominados dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política”. (CERTEAU, 1994, p.41).

Estes espaços urbanos, “pontos de amarração” da memória, conforme Ecléia Bossi se constituem como espaços de conflito ao mesmo tempo em que espaços de deleite. Lugares cujo a memória coletiva acontece. Halbwachs sugere que o espaço é uma espécie de “baú de memórias” onde são depositadas reminiscências individuais e sociais “O espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem uma às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não tivesse conservado o ambiente que nos circunda”. (HALBWACHS,2006)

Gilberto Velho ao ressaltar a importância destes estudos que tem como foco os centros urbanos nos aponta para o desafio de trabalhar na e a cidade nos colocando a questão que:

“Talvez a posição do antropólogo seja muito específica, mas é possível que, de certa maneira, constitua um caso limite dentro da *intelligentsia*. Isto porque para realizar seu trabalho precisa permanentemente manter uma atitude de estranhamento diante do que se passa não só a sua volta como com ele mesmo.” (VELHO, 1980:18)

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Antonio Augusto Neto. **Paisagens Paulistas: transformações do espaço público**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo, UNESP, 2000.

CALABRESE, Osmar. **A idade Neobarroca**, Lisboa: Edições70, 1987.

DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1985.

DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis, RJ.: Editora Vozes, 1994

DE CERTEAU, M. A **A linguagem alterada, a palavra possuída** In **Etno-grafia e Escrita da História**. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2002

ECKERT, Cornelia, ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005.

GRAVINA, Heloísa Corrêa. **Ser da Praça: Performance- Etnografia na Praça da Alfândega**. Porto Alegre: Dissertação UFRGS, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

OLIVEN, Ruben George. **Por uma Antropologia em cidades brasileiras**. In: Velho, Gilberto. **O Desafio da Cidade**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1979.

OLIVEN, Ruben George. **O nacional e o estrangeiro na construção da identidade brasileira**. In: Bernd, Zilá (org.). **Olhares Cruzados**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000.

PEIRANO, Mariza. **Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance**. Paraná.: Campos – Revista de Antropologia Social (UFPR) v. 7, n. 2, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do Sensível: estética e política**. São Paulo. EXO experimental org., Ed 34, 2005.

SIMMEL, Georg. 1985. **“A metrópole e a vida mental”**. In: O Fenômeno Urbano. Otávio Guilherme Velho (org.). Rio de Janeiro: Ed. Guanabara.

TAMBIAH, Stanley Jeyaraja. **Culture, Thought, and Social Action**. Cambridge, Mass.: Harvard University, 1985.

VELHO, Gilberto. **Observando o Familiar**. In: NUNES, Edson de Oliveira (organizador). **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VELHO, Gilberto. **O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia**. In: Velho, Gilberto. **O Desafio da Cidade**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1979.

VELHO, Gilberto e KUSHNIR, Karina. (1996) “**Mediação e metamorfose**”, *Mana: estudos de antropologia social*, vol. 2, nº 1, abril de 1996, p. 97-107.